

ESTANCAMENTO

Iuri Dantas¹

Mas peguei um café e voltei para a cama com Stálin, ainda que a vontade fosse lançar-me ao desconhecido imprevisível do cotidiano, banho, jornais, café, trânsito, expediente. O general vencia seu lado da guerra alimentando a imensa máquina com milhões de cabeças russas. Tento um paralelo, serei general ou soldado neste conflito contra um pequeno vírus invisível, como se fosse possível comandar ou receber ordens do micro-organismo... não há comparação possível. Quando fechei a porta de casa há três semanas abracei a passividade, pelo menos é assim que penso.

Ou me deitei com o transitório, se assim for a clausura ou se assim for meu entendimento, porque as lembranças costumam ser mais fortes que as vivências, ao menos no meu caso, lembro e lembro demais, desconfio que vivo pouco, o que levanta esse paradoxo de querer o pouco que passou. Era assim até fechar a porta há 21 dias, o clima mudava de roupa todos os dias, relia páginas antigas do calendário e imaginava um amanhã exausto, do mesmo jeito, do mesmo jeito, igualzinho a hoje.

Chego a Stalingrado, percorro as vielas repletas de cadáveres e gelo e madeira e ferro retorcido a sugerir que não há brasa no inverno, os incêndios são outros, porque sempre há incêndios, se não fora, dentro da gente. Antônio acha que o oposto de incêndio é serenidade - mal sabe que o verdadeiro antônimo de inverno é Carnaval.

Porque Carnaval nunca deixou de ser uma estação do ano, temperatura e pressão específicas para o entrelaçamento da fauna nas ruas e nos blocos e nos apartamentos e por toda parte.

Carnaval: estação do entrelaçamento.

Deviam ter cancelado o Carnaval para evitar o vírus, pelo menos é o que ouço, o grande segredo nacional, por aqui só se cancela o Carnaval no passado, porque o Carnaval que passou não é mais Carnaval, virou passado, como a queda do muro de Berlim. Carnaval é como crise, até vale conhecer um pouco do que já passou, tudo bem. Agora, existir, existir mesmo, só o próximo, a próxima, assim se construiu a nação por aqui, república federativa do inevitável previsível.

¹ Formado em Jornalismo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, cursa atualmente a Especialização em Literatura, Arte e Pensamento Contemporâneo da PUC-Rio, e é mestrando em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PPGLCC), também na PUC-Rio.

Talvez por isso os jornais se repitam na conveniente monotonia das superficialidades, nestes tempos em que o argumento consiste em repetir as mesmas opiniões de sempre, usando cada vez menos palavras. Da forma como vejo, a realidade atrapalha demais a ficção por estes caminhos, melhor voltar aos dias finais do sangrento conflito europeu, anglo-saxões queimando nas Ardenas, os tesouros queimando em Dresden, fecho o livro e leio sobre os corpos queimando, a febre em dezenas de milhares nas batalhas do Rio e de São Paulo e João Pessoa e todos os estados registram óbitos, diz o letreiro da TV, como é possível dizer que o aparelho está silencioso se continua a piscar essas faixas de informação, a confirmação de tantas mortes e tantas mortes confirmadas, Antônio me explica que confirmar seria o mesmo que comprovar que algo é verdadeiro. Se a morte fosse uma mentira, teria rabo muito longo, pelo menos é o que penso.

Se a morte é a última palavra de uma vida, nasceram alguns substantivos nas últimas semanas, porque morrem homens, mulheres, idosos, ideias. Se bem que, no meu entender, ideia também ressuscita, ressurge, nasce de novo.

Esse clima enquadrado pela janela combina comigo neste momento, ora o que digo, enquadrado ainda se mostra como a melhor forma de definir meu estado de espírito nestes dias invisíveis, é como me sinto pelo menos, invisível na minha casca.

Eu e Stalin. Somente nós depois que Baleia desapareceu uma noite sem explicação, o que terá acontecido? Era tão magricela que sempre me pareceu testemunha de algo maior, para além de minha compreensão, como se por seus olhos eu pudesse ver o limite máximo da miséria humana. E era uma cachorra, o que diz algo sobre o humano nestes dias sem passado, não tenho repertório para lidar com isso tudo, sequer entendo o que seria um "tudo", mesmo agora quando todos estão tão distantes, como amar o próximo sem haver alguém próximo parece ser a nova cartilha, ao menos a mim parece.

Pois Baleia latia e latia, parecia amedrontada e calma, certa de seu destino, por mais trágico que fosse, é a certeza que maltrata a gente. Era por volta das dez da noite, ela latia, latia, como sempre e no minuto seguinte... silêncio. O silêncio que me esfregava o rosto, massageava meu nariz e minhas orelhas, sempre me relacionei assim com o silêncio, ele me vem pelo cheiro, pelo som ausente. Quer dizer, se por acaso o silêncio for mesmo um substantivo masculino, geralmente não concordo. Quietude, tranquilidade, serenidade, paz, são sobrenomes do silêncio, todas femininas. Que importa o gênero da palavra?

Minha vizinha de cima, tão bonita aquela moça, costuma dizer que já enfrentou silêncios espessos, volumosos, pareciam nuvem recheada, dava para a gente ver, a gente

sentia nos dedos, conseguia até cortar com faca. Por isso ela carrega uma tesoura específica para isso, uma tesoura de estancar silêncios. Se fosse seguir o conselho dela, seria mais fácil romper com o passado, que nem mais existe.

A vizinha odiava silêncios, não pelo que não ouvia, não... era uma raiva direcionada, é o que penso pelo menos. Ela detestava as primeiras notícias depois do silêncio, notícias dos mortos, ela repetia sempre.

Ana nunca foi muito conversadeira, sempre conversamos de boca fechada a maior parte do tempo, o incômodo vinha do silêncio do mundo, a pandemia deve mexer um pouco com os nervos dela.

Talvez seja impossível não se sentir afetado por tudo isso, a solidão vai crescendo na gente, o vizinho de baixo entregou os pontos e saiu pelas ruas pedindo uma criança, para ter companhia. Um homem moço ainda, não chegou aos 50 anos, apelando para a terceira via, pelo menos é como eu chamo, esse caminho entre o que se quer e o que a vida oferece. A maioria, quase todo mundo, prefere um ou outro. Mas conheço uns, como esse, que de tanto procurar encontrou um menino na porta de casa.

Outro que volta e meia aparece é um rapaz japonês, que mora na vila do outro lado da rua. Gênio em matemática. Cuida do corpo, já disputou campeonatos de artes marciais mas nunca teve coragem de perguntar muito. Parecia feliz com a vida que vivia, até que se deu conta do que havia abaixo da superfície das coisas, passou a compreender outros mecanismos da vida e do mundo --e mesmo de outros mundos, tem noite que ele aponta para cima e diz que existem duas luas no céu. Ele diz que às vezes não é possível saber em que ano se está vivendo, há esses momentos, por obra ou imaginação dos homens, em que a roda gira em falso, nossa vida entra em algum caminho paralelo, não só a nossa, dos médicos, advogados, militares, até do chefe de Estado, toda a realidade desemboca neste limbo temporal. Ao menos é o que ele diz. O tempo só volta a correr por obra ou imaginação dos homens, no meu entender muito mais pela imaginação. Até lá, fica estancado.

Estancamento do ritmo, dos prazos, o que vai ser da vida sem os prazos nos mesmos dias, as mesmas cobranças, as mesmas contas e pagamentos, que resumiam a vida antes de fechar a porta, antes de olhar para dentro de casa, a casa é lugar de quê?, antes de virar um endereço para uns, um retângulo animado para outros. Será que o dinheiro sobrevive sem os prazos de vencimentos e os juros? Não deve ser da minha conta.

Além da porta tem reinvenção ou regressão, além da porta, no dia em que terminar tudo isso, um novo caminho, sem progresso --e para quê ordem, quem disse que preciso saber para onde ir depois do estancamento?

Diz o Antônio que estancamento possui cinco significados. E me dou conta de que Antônio tem razão, ao menos é essa impressão que tenho, há cinco significados diferentes para tudo o que aconteceu desde que fechei a porta e não voltei a sair de casa desde então. Desde então, cinco significados. 1. Parada. 2. Fazer parar de correr, como estancar um sangramento. 3. Esvaziar. 4. Ter fim. 5. Estacar, parar de repente. Tem dias que Antônio parece tanto um dicionário que talvez seja.

Ser dicionário configura um caminho específico na vida, mas é raro, raríssimo, comum mesmo é aceitar, feito a prima de minha vizinha aqui do lado, uma menina séria, queria uma família, aquela vidinha que a gente ainda chama de comum, quem sou eu para decidir o que é normal, faço o que posso e fico torcendo para dar certo, pelo menos foi o que meus pais me ensinaram, fazer o bem. Bibi não era assim, a vida simples que ela queria não era possível por causa de um presente, o dom de prever o futuro, o último dia de alguém, quer fortuna maior do que saber o que ninguém sabe? Ela bem sabia a diferença entre gênios e loucos, apenas os primeiros construíam catedrais, os outros deixavam destruição pelo caminho. Bibi mastigava um pedaço de pão antes de abrir os olhos pela manhã, assim evitava as previsões. Embriagava-se no caminho imaginário, uma imobilidade revolucionária.